



Helenismo sul-americano missioneiro: estudos sobre a Província jesuítica do Paraguai (XVII-XVIII)

Édison Hüttner*
Eder Abreu Hüttner**
Rogério Mongelos***

Índice

Prefácio; 1. A Província jesuítica do Paraguai; 2. A redução; 3. A gênese da arquitetura jesuítica-guarani; 4. Guarani, sagrado e profano; 5. Identidade dos conceitos; 6. Helenismo sul-americano missioneiro; Considerações

Palavras chave

Arte sacra, Brasil, helenismo sul-americano missioneiro, jesuítico-guarani, urbanismo

Prefácio

O maior avanço cultural e artístico com populações indígenas em solo americano aconteceu no período das edificações das trinta reduções da Província jesuítica do Paraguai (XVII-XVIII). As trinta reduções representam uma fonte latente de representações artísticas culturais no cenário da história da humanidade. Helenismo sul-americano missioneiro, surge neste quadro, no ‘espaço em branco entre as letras’, como conceito, identificado na filosofia, nos traços urbanísticos, nos desenhos das paredes, na arte dos capitéis. O estudo multidisciplinar, sobre a maneira de ser jesuítico-guarani, com literatura atualizada, pesquisas *in loco* e enfoques multidisciplinares sobre cultura, arte e urbanização, compõe o conteúdo central para apreensão deste helenismo sul-americano missioneiro, como fenômeno artístico-cultural intrínseco e perene no mapa das trinta reduções.

1. A Província jesuítica do Paraguai

A instalação da Província jesuítica do Paraguai ocorreu em 1607 em território

* Pontifícia universidade católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Porto Alegre (Brasil).

** Pontifícia universidade católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Porto Alegre (Brasil).

*** Faculdades Est, São Leopoldo, Rio Grande do Sul (Brasil).



colonial espanhol na América do Sul. Dois anos depois foi fundada a redução de *San Ignacio Guazú* (1609), no atual Paraguai, marco inicial e ponto de partida das trinta reduções que existiam à época em que foi assinado o Tratado de Madri (1750). Estas reduções formavam uma rede de povoados cujas ruínas se encontram no sul do Paraguai, no nordeste da Argentina, em parte do Uruguai e no sul do Brasil (noroeste do Rio Grande do Sul). Conforme Barcelos, em 1732 essas reduções chegaram a ter um total de 141.182 habitantes. Este autor identifica a divisão política e administrativa das reduções:

a) citando Cardiel: «se estendia de norte a sul, entre os 13 e os 26 graus, que perfaziam 260 léguas, e a leste e ao oeste todo o espaço compreendido entre os rios Paraná e Paraguai»;

b) era dividida em três zonas com características diversas, de acordo com estudo de Bruxel: zona ganadeira (gado das reduções), localizada na região sul, junto aos rios Ibicuí e Jacuí; zona ervateira (erva-mate), localizada ao norte, numa área de 300 km por 800 km; e zona populacional, situada ao norte da zona ganadeira (100 km por 600 km).

Em cada redução havia plantações, currais, poteiros, ocupando de 1.000 a 2.000 quilômetros quadrados. Este período teve fim, com disputas de território entre as coroas ibéricas, culminando com o Tratado de Madri em 1750, e com a expulsão definitiva dos jesuítas em 1767. Quatro templos missionários foram tombados pela Unesco como patrimônio da humanidade: São Miguel, no Brasil (1983), *San Ignacio Miní*, na Argentina (1984), *Santísima Trinidad de Paraná* e *Jesús de Tavarangue*, no Paraguai (1993).

2. A redução

O termo “redução” foi usado pelos jesuítas como identidade de sua missão entre os índios. Conforme Jean Lacouture, em 1609, quando reuniram os índios guaranis em espaços administrados os jesuítas, não utilizavam o termo redução, mas «*doctrinas ou paróquias, pueblos ou aldeamentos*».

Segundo Barcelos, os jesuítas popularizaram o termo redução para referir-se aos ‘*pueblos de índios*’. Esta denominação não foi uma criação dos jesuítas, o termo surgiu em 1546, numa cédula real de Felipe II que determinava «*que los indios fuesen reducidos a pueblos y no vivisen divididos y separados por las sierras y monte*’». Mallmann escreve: «A palavra ‘reduzir’ era empregada no sentido de ‘purificar’, ‘limpar’, semelhante ao significado que hoje é aplicado na química. Assim, o local onde ficavam os índios ‘limpos’ pelo batismo era chamado de ‘redução’».

A organização das reduções foi orientada por normas da Coroa de Espanha, da Igreja Católica e da Companhia de Jesus. Este mecanismo hierárquico projetava um modelo de redução exclusivo. Porém, escritos projetavam concepções fascinantes sobre as reduções. Na obra «A República de Platão e os guarani», escrita em 1768 pelo jesuíta José Manuel Peramás, comparam-se às repúblicas, a idealizada por Platão e a idealizada pelos jesuítas.



Outras obras seguem esta idealização, como «A República comunista cristã dos guaranis» de Clovis Lugon e «O Cristianismo feliz» de Antonio Muratori. Arno Kern acredita que esta visão de independência e protagonismo das reduções seria impraticável pois «a situação de dependência à sociedade global espanhola fica evidente quando se analisam variáveis tais como o pagamento de tributos, a prestação de serviços militares, as visitas de inspeção de governadores e bispos».

Freitas, discorrendo sobre autores utópicos, diz: «Voltaire as considerou um ‘triunfo da humanidade’. Montesquieu comparou o sistema missioneiro à ‘República de Platão’». A divulgação e o crédito destas concepções dizem que existe algo real e de verdade nas reduções. O que seguramente aconteceu. Lacouture ao escrever sobre «uma teocracia barroca entre o guaranis», destaca Pierre Chanou, que analisou a relevância econômica das reduções, depois a definiu como «Império do Mate», e que Maurice Ezran a concebeu como «proto-Estado», e conclui: «elas constituíam uma confederação de teocracias cooperativistas autônomas, mas tão pouco independentes que, tão logo pretenderam afirmar sua existência diante de um tratado injusto que as destinava à desintegração, foram desmembradas e dispersas».

José Roberto de Oliveira, escritor e morador na região missioneira no sul do Brasil nos traz outra perspectiva, ao afirmar que «a República cristã que os jesuítas criaram, projeto de cunho religioso e prático, deve servir de exemplo para os processos de sustentabilidade e desenvolvimento que a humanidade está à procura».

3. A gênese da arquitetura jesuítica-guarani

As trinta reduções inauguraram um novo período artístico cultural, extremamente radical na América Latina, claro e profundo, que se bastou a si mesmo. Este processo teve a influência dos seguintes fatores:

a) *os tratados de arquitetura e o estilo barroco*. Os tratados de arquitetura elaborados na Itália (entre 1516-1660) são expressão de um estilo artístico próprio denominado ‘*manierismo*’, provinda do termo italiano *maniera*, maneira, ou seja, conforme a maneira particular de cada autor. Dois italianos se destacam no início da construção dos signos da identidade da Companhia de Jesus: o arquiteto Giacomo Barozzi da Vignola (1507-1575) realizou a construção da *Chiesa del Gesù* em Roma, matriz concebida como modelo para as edificações de templos jesuíticos em todo mundo. O pintor e arquiteto Andrea Pozzo (1642-1709) edificou nessa matriz o altar de Santo Inácio. As obras destes dois mestres foram referência para arquitetos que construíram as reduções jesuítico-guarani: João Batista Primoli, José Grimau, Francisco Ribeira, José Brasanelli, Camilo Petragrossa, Giovani Andrea Beanche e outros. Os jesuítas também se basearam na escolha de um novo estilo de arte: o barroco. Da explanação do conceito de barroco em Ângelo Guido, temos: o termo barroco: «Conforme se pronuncia em italiano – diz o seguinte ‘Usa-se este apelativo para indicar um estilo sobremodo bizarro, isto é, de expressivo ridículo que assinala a depravação do gosto’. Após esse período, tão duramente depreciativo, prossegue: ‘Em arquitetura o barroco é o caprichoso, o abuso



do bizarro». O essencial do barroco: «Alma barroca, fundamentalmente difere da renascentista, porque, ao se encerrar no maneirismo e ciclo do Renascimento, retoma o movimento criador em diverso sentido e parte para a aventura como Don Quixote (...) num clima psíquico singular». As trinta reduções representavam os traços arquitetônicos e estéticos da Contrarreforma promovida pelo Concílio de Trento. O significado e o motivo da arte barroca expressavam a mensagem católica em forma de arte catequética, que por seus traços atraía, e por si só, convertia. Os jesuítas seguem esta vertente: «A Companhia, entre outros meios de alcançar o fiel, envolve os atos religiosos de magnificência ímpar, do que o Barroco é bem o espelho». A reforma católica foi completa, graças à participação dos jesuítas, e sua influência do Concílio de Trento. A Companhia de Jesus «não era uma simples sociedade monástica, mas um regimento de soldados que havia jurado defender a fé»;

b) *leys de Indias e outras influências de missões*. A estratégia espanhola de colonização e urbanização das colônias estava orientada por estas leis que determinavam aos descobridores e povoadores (ordens religiosas) que ensinassem aos índios os bons costumes, e os educassem na «*nuestra santa fé católica*». Estas leis tinham o título de *Ordenanzas de descubrimiento, nueva población y pacificación de las Indias*. Sua compilação final foi realizada em 1635 por León Piñelo, mas somente em 1681 a obra foi publicada com o título de *Recopilación de leys de los reynos de las Indias*. O Livro IV guarda um conjunto de leis que determinam a escolha do local e seu traçado urbano, com todas suas características delimitadas. Conforme Simões, das 148 ordenanças, 25 definiam a escolha de sítios para fundação das cidades, bem como as normas para sua edificação, como exemplo, as ordenanças n.112 e n.113, onde se lê «a *plaza mayor* deve dar origem à cidade». As *leys* objetivavam colocar em prática o mesmo modelo de plano urbanístico das cidades da Espanha, desenvolvidos nos séculos XIII, no qual os fundamentos eram conhecidos como «quadrícula», «*en damero*» ou «hipodâmico». As reduções conforme Bisonhim, tinham a mesma organização e estrutura urbana, inspirada no «plano damero», e conclui: «Fazendo uma breve comparação entre os povoados e as cidades gregas, elas têm por principal o centro, que se forma a partir do santuário e ao redor deste santuário está a ágora – praça com edifícios de funções administrativas e jurídicas, da mesma forma acontece nas reduções», como por exemplo as quatro reduções tombadas como patrimônio da humanidade pela Unesco. Conforme Furlong e Barcelos, outros modelos de missões com índios influenciaram os jesuítas: as experiências das construções franciscanas no século XVI no Paraguai e das construções e doutrinas desenvolvidas com índios pelos dominicanos no povoado de Juli, no Peru (1576). Porém, diz Furlong: «*Al principio no reparaban mucho los padres en estas conveniencias; y por eso casi todos los pueblos antiguos tienen dos o três mudanzas, buscando lo mejor en fuerza de los daños que experimentaban por la poca advertencia*». Na visão de Medrano, as trinta reduções se caracterizavam por um mesmo modelo urbanístico: «Na prática, configuram um espaço que reflete uma estrutura social absolutamente distinta. (...) A planta dessas reduções explica apenas parte deste espaço, cujas características barrocas, seu poder de persuasão, era enorme». O plano de urbanização, as expressões de arte e cultura das



trinta reduções foi construído em contínuo processo de aperfeiçoamento, a partir de sua fonte capital, o índio guarani.

4. Guarani, sagrado e profano

A ‘matéria-prima’ da formação das trinta reduções foi o índio guarani. Através de uma experiência fascinante, unindo a ‘selva’ e o urbano, aproximando xamanismo e cristianismo (católico) com experiências amplamente valorizadas. Os guaranis que estavam nas reduções eram grupos de migrantes (caçadores, coletores, agricultores, artesãos) provenientes da floresta equatorial amazônica, marcados por jornada de aproximadamente 2.000 anos até os rios Uruguai, Paraguai e Paraná. Foram amoldando-se no câmbio de climas e ambientes contrastantes, no contato com outras etnias, orientando-se por uma cosmovisão mito-religiosa.

Conforme Vladimir: «As aldeias guarani geralmente eram instaladas em descampados feitos no meio dos bosques, perto de fontes de água e de terras férteis. Também era importante ter por perto a argila para a produção de cerâmica, pedras para a elaboração de implementos líticos e fibras vegetais para a cestaria». Este jeito de habitar do guarani, tem um nome: *tekoá*, quer dizer, espaço que oferece condições ideais para praticarem seu “modo de ser” e construir aldeias. «O *tekoá*, com toda sua materialidade terrena, é, sobretudo, uma inter-relação de espaços culturais, econômicos, sociais, religiosos e políticos. É o lugar, dizem, os guaranis (hoje), onde vivemos segundo nossos costumes». *Tekoá* é apenas uma alternativa de vida, um sinal de passagem até instalaram-se definitivamente na *Yvy marane’y* (terra sem males). Sobre este termo, Meliá diz: «*En el Tesoro de Montoya la expresión yvy marane'ỹ aparece traducido como «suelo intacto, que no ha sido edificado»; y ka'a marane'ỹ, como «mato donde no han sacado palos, ni se ha traqueado»*. Para Clastres, os guaranis viam os jesuítas como *carais* (pajés), graças a suas técnicas, e continua: «Talvez esteja aí a chave do extraordinário êxito dos jesuítas entre os guaranis».

As experiências religiosas entre jesuítas e guaranis foram de adaptação e ensaios, signo de outra forma conviver, de “gestos estranhos”. Segundo Wilde, na doutrinação dos jesuítas ocorreram «manifestações híbridas», conforme comentário escrita numa carta anua de 1626-1627 pelo jesuíta Mastrilli Durán, onde referia-se a catequistas que empregavam «elementos da religião tradicional» indígena, bem como noutro caso, onde: «*Anton Sepp refiere al índio hechicero, Pedro Pacú, quien tenía en su vivienda clavada una cruz en la que sujetaba un ave de rapiña a imitación de Cristo*». Neste espaço vigiado, não existia condições para os índios praticarem seus rituais, a não ser, quando realizavam fora da redução, escondidos com seus pajés. Como se refere Fausto:

O uso e o abuso do imaginário reducional nessas circunstâncias indicam que, do ponto de vista indígena, o que estava em jogo não era um conflito entre duas ‘religiões’, duas ortodoxias ou credos mutuamente exclusivos. (...) Eles não tinham fé ou crença em seus xamãs no mesmo sentido em que os missionários acreditavam em Deus ou nas Escrituras.



Os guaranis alcançaram seu espaço nas reduções, necessariamente, para tornarem-se católicos, num mundo construído católico.

Qual seria a identidade “religiosa” do índio?

A sua postura diante das imagens sacras?

Para Egon Schoden, o processo de “aculturação” do guarani nas reduções passou por vários momentos:

a) quando aceitavam sem problemas o conteúdo doutrinal católico, sem atributos religiosos, mas com significado mágico, medicinal, econômico ou social. Era «natural que de manhã o índio assista à missa e de noite participe de danças rituais na cabana de seu pajé»;

b) ao aceitarem a doutrina e o símbolos, a partir de sua religião tribal e por analogias. Por exemplo, o deus cristão recebe o nome de *Ñandé Djára*: Nosso Senhor. Os anjos: *yvyrári djá* – que seriam os espíritos protetores da mitologia guarani;

c) quando se estabeleceu conflitos entre os elementos tradicionais e do cristianismo.

As fontes sobre o modo de ser do guarani diante de outra religião denotam uma singularidade especial, por tratar-se de um fenômeno empírico. O fato deixou margem para interpretações pejorativas ou romântico-religiosas, ainda hoje. Em geral não interpretado pelo índio, de sua própria voz. O guarani poderia viver muitas experiências, para além de sua visão mítica-xamânica, pois isto é intrínseco no mundo das religiões: sincretismos, hibridismos e mesmo troca de crença. Nesta perspectiva, podemos dizer que jesuítas e guaranis viveram experiências diversas, escondidas no cotidiano, cujos relatos não foram registrados na literatura convencional da época.

Podemos perguntar: como era a prática religiosa do guarani?

Qual a sua relação com as imagens sacras?

A partir destas leituras da época, de pesquisas com arte sacra jesuítico-guarani e do contato com as comunidades indígenas guaranis do sul do Brasil, é possível desenvolvermos duas considerações:

a) o “guarani não convertido”, com “roupagem católica” e alma xamã. O cotidiano do índio nas reduções era sincronizado pelo calendário litúrgico católico. O índio vivia no mundo construído católico, recitando orações, desde o amanhecer, seguindo aquela cadência das reduções: «(...) o sino tocava antes do raiar e a missa era celebrada todos os dias». No crivo destas práticas estabelecidas surgiram conflitos entre jesuítas e pajés (feiticeiros, *caraibas*, xamãs). Fausto diz que os jesuítas buscavam neutralizar a figura dos pajés, condenando sua postura, entre outras, a de «fingirem-se de sacerdotes» nas celebrações litúrgicas». O índio não convertido atuava nas edificações de templos e confecção de imagens sacras, destacando-se, talvez como devoto, mas seguramente como artesão. Estes índios não utilizavam as imagens de santos ou ritos litúrgicos católicos para praticar suas crenças ancestrais, nem mesmo “colocavam”, ou imaginavam o espírito da floresta, dos animais ou de seu *Ñanduruvucu* (nosso Grande Pai) dentro dos santos católicos. As imagens católicas esculpidas por índios tinham traços de seu próprio corpo;

b) o “guarani convertido”. Grande parte dos índios das reduções se converteram ao catolicismo. Os índios artesãos fazem escultura com devoção. Entre as imagens sacras



de suas devoções, a cruz era a mais apreciada. Da tradução da língua espanhola para o guarani a cruz recebeu o nome de *kurusú*, conhecida pelos guarani como *yvyrá djoasá*, ‘paus cruzados’. Ludovico Antonio Muratori (1672-1750), tendo como base as cartas de jesuítas, escreveu sobre a situação das reduções, de modo particular, descreveu a religiosidade dos guaranis, como católicos convertidos, que recebiam o sacramento da penitência, participavam das celebrações e procissões, adoravam ao santíssimo nos templos. De seu relato: «(...) é maravilhoso ver, não só os mármore precisos, as joias (do templo), mas a devoção destes novos cristãos». E continua: «O mais lindo é que esse zelo religioso serve de estímulo para aprenderem as artes e estudar (...) nas suas igrejas, fazendo para ela várias peças ornamentais». Indícios da crença católica de indígenas são reconhecidos por viajantes europeus. Relata Saint-Hilaire, em 1820, que em São Nicolau foi construída uma casa onde foram depositadas estátuas de santos das ruínas da igreja das reduções: aos domingos reúnem-se os índios que moravam em pequenos ranchos debaixo do mato das laranjeiras, e fazem suas orações diante das imagens que beijam com devoção, e depois se retiram às suas guaridas por pequenos atalhos que ninguém distinguia. Em 1858, o explorador e médico alemão Robert Avé-Lallemant participou de uma missa celebrada na parte central do antigo colégio das ruínas de São Lourenço. O seu relato deslumbra um quadro original: os índios e os sinos.

Um pequeno índio prestava cuidadosamente atenção à chegada do meio-dia (...). Chegou o meio-dia! O rapazola corre para um canto e começa a bater com dois martelos num sino de uns dois pés de altura, enquanto uns dois outros indiozinhos saíram e faziam um ruído louco em dois tambores. Então todos os moradores das ruínas exaltaram pela ressurreição do Senhor. Fui até onde ficava o sino. Estava suspenso apenas a algumas polegadas do solo. O anel para pendurá-lo estava meio partido. Havia amarrado uns cipós no pedaço restante do anel, suspendendo assim o sino.

Para o guarani, não existia separação entre as suas atividades diárias e seus ritos e crenças. Também os jesuítas colocavam em jogo a doutrina católica na concepção das construções de seus templo e obras de arte sacra. No diálogo destas visões, entre diferenças, hibridismo e crença, podemos encontrar a via para entender a “alma”, a unidade que sustentava e embelezava as trinta reduções.

5. Identidade dos conceitos

A nova cartografia jesuítico-guarani e todo seu cenário artístico cultural configurou-se em momentos distintos, mostrando aí a arte de seu crescimento. Sustersic nos oferece estudo elucidativo sobre as etapas da arquitetura missioneira: primeira fase, da *og-jekutu* (casa grande dos índios guarani). Foi quando os jesuítas abriam clareiras na selva do Paraguai para construir cabanas. A segunda fase se caracterizou pela vinda de outros missionários que encontraram casas com bosques organizados e templos. Tem início o pórtico, a grande fachada, aprimorada por Brasanelli e Prímoli. Sustersic fez uma apreciação sobre o argumento de Herná Busaniche, mais especificamente sobre o que



menciona sua obra *La arquitectura de las misiones jesuíticas guaraníes* (1955), onde descreve as três fases da arquitetura missioneira. Da primeira fase (1609-1635): a arquitetura provisória, sem nenhum valor definitivo. Durou 100 anos. A outra fase seria a construção de templos missioneiros com a chegada de Prímoli (1730). E a terceira fase, das construções dos templos de pedra (*Trinidad*), com pedras ladrilhadas e com cal. Continua Sustersic: «Sustenta o autor que se trata de igreja totalmente europeia, sem nenhuma relação com a tradição vernácula». A primeira objeção de Sustersic: «(...) se refere a uma falta de maior relação entre as etapas entre si, identificando os aspectos que comunicam e outorgam continuidade a todo o processo social e tecnológico que tem vigência em um mesmo espaço e tempo». Sustersic defende estas ideias com citação de Ernesto Maeder: «(...) há que ter presente que os povos indígenas guaranis não se fizeram de uma vez para sempre, mas que sofreram traslados, trocaram seus materiais de construção e ainda se adaptaram às modalidades dos índios e à paisagem do lugar».

De acordo com Sustersic, existiam ainda outros fatores que influenciaram nestas construções:

- a) em cada redução os índios aumentavam em número;
- b) os arquitetos influenciavam com sua individualidade e criatividade. Alguns jesuítas eram exímios em trabalho com pedra, outros, com madeira.

Os estudos destas fases revelaram a magnitude e a riqueza das expressões de arte nelas contidas. Lizete Dias Oliveira cita as palavras de Claudete Boff: «A arte produzida nas missões foi explicada com base em vários conceitos, como barroco jesuítico-guarani, barroco crioulo, mestiçagem, barroco miscigenado, ou barroco missioneiro».

O barroco hispano-guarani de Josefina Plá identifica aquela riqueza e originalidade de cada arquiteto:

- a) o renacentista-manierista, quando Brasinelli atuou em Santa Maria da Fé;
- b) o estilo barroco com forte acento europeu, em três versões: rio-grandense itálico-berniniana, barroco missioneiro-berniniano (Paraná), e o barroco mágico-geométrico.

O desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares, trabalhos *in loco*, inauguraram uma fase de estudo e abordagens profícuas, de síntese e valorização do mapa jesuítico-guarani, através da percepção de outros ângulos.

6. Helenismo sul-americano missioneiro

O encontro entre guarani e jesuítas estabeleceu vínculos intensos, e com isto, o surgimento de nova experiência na América do Sul, desenhada com um mapa de verdade tracejado por trinta reduções. Por sua vez, em suas edificações revelam-se ângulos, traços de uma espécie de helenismo sul-americano missioneiro. Este conceito é consequência do encontro “diferente” (culturas), determinada por relações próprias e criações constantes. Essa experiência singular converge com a ideia de «interculturalisme d’engendrement» (interculturalismo gerador) termo de Jacques Demorgon, para explicar a ação de indivíduos que criam outras sociedades, a partir da diversidade de suas culturas.



Redução de São Miguel Arcanjo (Brasil)



Na fachada central destaca-se o “frontão triangular grego”.

Foto de Eder Abreu Hüttner (11/01/2015).

O termo helenismo sul-americano missioneiro nos vem da história geral, do helenismo histórico, iniciado no século IV a.C., e aconteceu com o encontro da civilização grega com povos do Mar Mediterrâneo até a Ásia Central, resultando a fusão de várias culturas e suas mais variadas edificações. Helenismo, explica Tarn: «Por certo, indica uma civilização nova, composta de elementos gregos e orientais; por outra, a extensão da civilização grega no oriente; por outra ainda, simplesmente a continuação da antiga civilização grega e, enfim, a mesma civilização modificada pelas novas circunstâncias». Segundo Toynbee, «O helenismo foi uma forma de vida característica, corporificada numa instituição básica, a cidade-estado, e quem se aclimatasse à vida tal como vivida numa cidade-estado helênica sendo aceito como heleno, não importando qual a sua origem e formação». As características do helenismo histórico – de fusão de culturas e criação de uma “civilização nova” com elementos gregos e orientais – estão presentes na edificação das trinta reduções, com elementos ocidentais e ameríndios, de fusão de cultura, de língua, como unidade arquitetônica, de estabelecimento de mapa e povoamento estabelecido nos séculos XVII e XVIII, em terras da Coroa de Espanha. Portanto, do evento helenismo histórico nos vem a referência para valorizar as trinta reduções como helenismo sul-americano missioneiro. O helenismo sul-americano missioneiro se configura neste *mix* de arte barroca e maneirismo europeu, da filosofia grega e da arte greco-romana, de plano urbanístico hipodâmico e outros estilos de arte concebidos: barroco hispânico, barroco jesuítico-guarani e seus possíveis desdobramentos. Em contínua combinação, recriação, influência, convenções originais da arte de artífices jesuítas italianos, alemães, espanhóis e índios guaranis, em suas devidas perspectivas:

a) *a perspectiva italiana*. No templo da redução de São Miguel: a versão barroca italiana da matriz da *Chiesa del Gesù*. Conforme Custódio, a parte posterior desta obra, o pórtico, teve a mão do arquiteto José Grimau. Segundo Mayerhofer: «Nem é de se



estranhar que se encontre na igreja de São Miguel o estilo barroco italiano e não espanhol, se consideramos que o seu construtor foi o irmão arquiteto milanês Gian Battista Primoli». Com certeza teve a mão do arquiteto milanês. Segundo Furlong, Primoli esteve várias vezes como assessor na construção do templo de São Miguel, de estilo greco-romano, mas foi o padre Ribeira, que o idealizou entre 1714-1747.

Capitel da redução de São Miguel (Brasil)



Foto de Eder Abreu Hüttner (11/01/2015).

No templo de São Miguel destaca-se capitéis no estilo greco-romano (*compósito*). Em Mayerhofer, no seu capítulo sobre o *Estudo e estabilização das ruínas de São Miguel*, se observa esta expressão de arte: «(...) o belo capitel, ornado com representação de galhos, flores e frutos de romã, dispostos como se foram florões e folhas de acanto» (Mayerhofer, 1947: 22). Observa-se acima do capitel *compósito*, cinco “denticulos”, pequenos dentes, e, acima da representação das frutas de romã, detalhes do *equino* e da *apófige*, formas de arte utilizadas em templos como modelo da arte clássica grega.

Silveira em 1886, depois de observar a redução de São Lourenço, descreve: «Agora estava demolido, inclusive as belíssimas colunas roliças com seus capitéis de ordem jônica». Saint-Hilaire, em viagem às missões, em 1821, observou nos átrios da redução de São Borja «(...) quatro filas de colunas de madeira, de ordem dórica, colocadas duas a duas sobre o mesmo pedestal», e no seu interior «a nave principal é separada das laterais por oito arcadas sustentadas por colunas de madeira de ordem jônica, dispostas duas a duas sobre o mesmo pedestal». Entre outras influências da mão italiana, confere Sustercic, destaca-se uma estátua de madeira policromada do *Rosto de Deus Pai - Ego Sum* feita por José Brasanelli influenciado pelo famoso escultor e pintor Gian Lorenzo Bernini, localizada no Museu das missões na cidade de São Miguel das Missões;

b) *a perspectiva alemã*. No templo de São João Batista: o olhar do alemão Antonio Sepp Von Rechegg fazia «evocar, nas construções dos Povos de São João Batista, as imagens queridas de sua cidadezinha no Tirol». Em sua devoção, os índios contemplavam uma imagem diferente: a taumaturga Virgem de Alt-Oettingen. E nas oficinas de música, o barroco alemão. Diz Sepp: «Há um rapaz de seus doze anos que toca com dedo firme sonatas, alemandes, (...) como Henrique Schmelzer, Henrique Francisco Inácio de Bidern e Teubner». Estes compositores representavam os criadores do barroco alemão. Diz-nos Andriotti: «O padre Sepp manda pedir partituras só de compositores da Europa Central, de língua alemã, embora tivesse estudado também italianos e franceses (...) por opção ao tipo de barroco ‘mais moderno’ e admirado por ele»;

c) *a perspectiva espanhola*. Alguns sinos das reduções estão com os dizeres em língua espanhola. Exemplo, o sino que está no Museu Júlio de Castilhos em Porto



Alegre tem as inscrições em seu metal: *Año de 1712 - San Ignacio - ora pro nobis*. O código de linguagem na construção da paisagem das missões é em língua guarani e espanhola. A língua prima para os missionários nas reduções era o guarani. Claudete Boof aponta para a imagem de Nossa Senhora da Conceição do Museu das Missões que teve a influência de Montañés e de Cano. Os espanhóis escultores que mais influenciaram na construção das reduções foram: Martínez Montañés, Gregorio Fernández, Juan de Mesa y Alonso Cano;

d) *mãos e criatividade guaranis*. No encontro da maneira de ser do guarani e dos jesuítas, a partir da vivência centrada no mundo urbano, acontece, em todas as suas dimensões, a edificação das trinta reduções. Sustersic destaca a atuação de «*los anónimos maestros guaraníes*», colocando como fonte uma missiva escrita pelo bispo de Buenos Aires, Antonio de Azcona Imberto, ao provincial jesuíta Tomás Donvidas (1677): «*Por falta de inteligencia de los artífices y mala calidad de los materiales (...) Y así vuelvo los ojos a sus reducciones donde me dicen es grande la abundancia de madera de todas calidades, y que sobra la gente así para cortarias como para labrarlas porque para todo hay índios inteligentes y maestros*». Em todos os processos da construção das trinta reduções, os índios atuaram, não como agregados, servos, ou com rostos anônimos, mas como protagonistas de seu próprio corpo esculpido nas imagens. Como se refere Plá:

Cominenzan a incorporarse a la temática motivos locales tomados a la fauna y a la flora terrígenas, en los cuales se refleja el viraje y fijación de la sensibilidad indígena en la realidad circundante. (...) Estas tendencias, manifiestas, se organizarían en una actitud sensible (germen de estética) y la posibilidad de un estadio o fase creativa concomitantes (...) en la indicada tríade: estatismo, simetria e frontalismo (...) buscando su fórmula, através de nervios y mano local.

Sino do Museu das missões (Brasil)

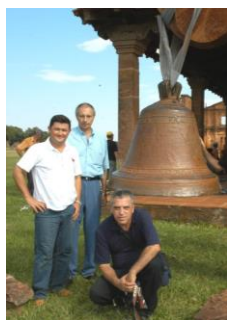


Foto de Eder Abreu Hüttner (19/03/2006). Ao lado do sino, da esquerda para a direita, a equipe de pesquisadores: Édison Hüttner, Orci Bretanha Teixeira e Rogério Mongelos

Em 2006, o Núcleo de estudos e pesquisa em cultura indígena da Pucrs, em parceria com a Superintendência do instituto do patrimônio cultural brasileiro, identificou a procedência, a metalurgia e o peso oficial do sino localizado no Museu das missões (Brasil). O sino fundido na redução de São João Batista (1726) alcançou o peso de kg.910, feito de bronze binário (80% estanho e 20% cobre)¹. É o maior sino fundido no Brasil por índios. Antonio Sepp, idealizador do alto-forno, dos modelos *Blau-*, *Wolfs-*, e *Stiik-öfen*, construídos na Alemanha (Pounds, 1966: 15), relata a criatividade do índio Gabriel Quirino, o artesão do sino: «(...) faz ainda castiçais de prata, de tamanho considerável e engenhosa cinzeladura; funde sinos, o maior dos quais, dedicado ao arcanjo S. Miguel» (Sepp, 1943: 235).

¹ Relatório de análise por microscopia eletrônica, Of. n.03/06, Centro de microscopia e microanálise da Pucrs Porto Alegre, 24 de março de 2006, Solicitante Prof. Dr. Édison Hüttner, Berenice Anina Dedavid coord. do Cemm, *Badaladas históricas*, Fapes/Pesq, disponível em http://agencia.fapesp.br/badaladas_historicas/5313/, atualizada em 10/10/2015.



Do significado do termo helenismo sul-americano missioneiro e suas convenções:
a) de valorização das expressões da cultura grega nas reduções, filosofia aristotélica (Aristóteles e Platão, preferencialmente);

b) o plano urbanístico hipodâmico (praça maior, a ágora grega). Outros traços arquitetônicos: frontão triangular grego, capitéis de ordem arquitetônica jônica, dórica e coríntia, bem como o capitel de estilo *compósito* greco-romano (combinação entre jônico e coríntio) e seus detalhes artísticos gregos, o *equino* e o *apófige*, e outros traços arquitetônicos estéticos semeados nas trinta reduções;

c) como signo e reconhecimento de uma nova expressão do helenismo, como helenismo sul-americano missioneiro, moldada por arquitetos jesuítas e por índios guaranis, a partir de sua totalidade, de sua terra, de modo particular com o arenito (grês) e o *design* do corpo do índio, como medida e clone para identidade artística e cultural do novo mundo, jesuítico-guarani;

d) para significar as edificações das trinta reduções da Província jesuítica do Paraguai (XVII-XVIII), bem como suas ruínas, como evento imponente na história da humanidade, como foi o helenismo.

Considerações

A Província jesuítica do Paraguai, consolidou-se como uma inovação arquitetônica singular, realizando sínteses de culturas, fazendo convergir e emanar de sua própria fonte, as trinta reduções, num longo processo de formação articulado nos seguintes níveis:

a) étnico. A experiência fundante, marcada pela relação cotidiana jesuíta-guarani, da formação de um novo modo de ser, como elemento de definição de povoado moderno;

b) linguístico. As relações, a fusão da cultura, bem como as construções missionárias foram concebidas em linguagem bilíngue espanhol-guarani;

c) metafísico. As experiências simbólicas de crenças diferentes, da prevalência do catolicismo, hibridismos ou manifestações isoladas de práticas xamânicas representam a pedra angular da concepção e estetização das trinta reduções;

d) estrutural. A partir do conteúdo artístico cultural milenar de suas tradições. O contínuo aperfeiçoamento da teoria, das técnicas, das construções através da adequação de medidas, de métodos, da confecção de instrumentos de trabalho e capacitação dos seus artífices;

e) patrimonial. Representa uma fonte perene de identidade latino-americana e de experiência única no cenário cultural da humanidade, comparada às grandes construções da humanidade;

f) conceitual. A novas descobertas, as pesquisas e preservação das reduções possibilitaram a elaboração de relevantes considerações sobre o estilo de arte e urbanização das trinta reduções, bem como sua ampliação de sentido, como helenismo sul-americano missioneiro.

A convergência destes níveis permite infinitas possibilidades de informação, e, ao



mesmo tempo, projeta-se sistematicamente como conteúdo e matéria fundamental para a compreensão das raízes mais profundas da história da arte e da identidade latino-americanas por sua vez, em contínuo redesenhamento, significado em outros ângulos, dos traços do helenismo sul-americano missioneiro espalhados nas trinta reduções.

A originalidade e perseverança de índios e jesuítas, compara-se à construção de cupinzeiros. O cupinzeiro destruído pelas intempéries ou pela ação dos tamanduás é imediatamente reconstruído pelos cupins, conferindo sempre o mesmo modelo, a mesma cor de sua terra. Ontem e hoje, a originalidade do fazer continua, reconstruindo e preservando, sugerindo e inovando, como a edificação do pórtico da entrada da cidade de São Miguel das Missões com a inscrição: *Co yvy ogue reco yara* (Esta terra tem dono) ou na confecção de violinos talhados por índios guaranis que ainda tocam em suas aldeias, força do húmus, do helenismo sul-americano missioneiro, em suas constantes florações.

Referências bibliográficas

- Agostini T., *Le mille forme dell'agorà una città che cambia in fretta*, em «Agorà. Kaleidos», Quaderno dell'Upm n.13, 2010, disponível em www.ivpopmestre.net/sites/default/files/files/kaleidos%2013%20-%202010%20low.pdf, atualizado em 28/11/2015.
- Andriotti D.A., *A biografia do padre Sepp*, em Gadelha Afrm, *Missões guarani. Impacto na sociedade contemporânea*, Educ, São Paulo, 1999.
- Armani A., *Città di Dio e città del sole. Lo Stato gesuita dei guarani*, Studium, Roma, 1977.
- Avé-Lallemant R., *Viagem pela província do Rio Grande do Sul*, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1980.
- Barbarani F. (org.), *Il sacro esperimento del Paraguay dagli scritti del padre gesuita Antonio Sepp*, Cassa di Risparmio di Verona, Vicenza, Belluno e Ancona, Verona, 1990.
- Barcelos A.H.F., *Espaço & arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*, Edipucrs, Porto Alegre, 2000.
- Bisonhim K., *Em busca da estrutura sócio-espacial da redução de San Francisco de Borja: a sobrevivência do patrimônio arqueológico*, Dissertação de mestrado (História), Pucrs, 2001.
- Boff C., *A imaginária guarani: o acervo do museu das missões*, Tese de doutorado, Centro de ciências humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2002.
- Borghettit A., *Tekó, Tekoá, Nhanderecó e Oguatá: territorialidade e deslocamento entre os mbyá-guarani*, Dissertação de mestrado, Unb, Brasília, 2004.
- Bruxel A., *Os trinta povos guaranis*, Universidade de Caxias, Caxias do Sul, 1978.
- Bueno E., *Uma história*, Ática, São Paulo, 2003.
- Burs E.M., *História da civilização ocidental*, vol.1, 2ª ed., Editora Globo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, 1971.



- Clastres H., *Terra sem mal*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1978.
- Custódio L.A.B., *A redução de São Miguel Arcanjo. Contribuição ao estudo da tipologia urbana missioneira*, Dissertação de mestrado, Ufrgs, Porto Alegre, 2002.
- Demorgon J., *Complexité des cultures et de l'interculturel, contre les pensées uniques*, Antropos, Paris, 2004.
- Demorgon J., *L'interculturel entre ajustement et engendrement. Pour une cosmopolitique: tribus, royaumes, nations et monde*, em «Mana Synergies Pays Germanophones», n.2, 2009, parution mai 2010, sur le thème: *L'interculturel à la croisée des disciplines: théories et recherches interculturelles, état des lieux*, disponível em <http://gerflint.fr/Base/Paysgermanophones2/Demorgon.pdf>, atualizado em 29/11/2015.
- Edelweiss F.G., *Tupis e guaranis: estudos de etnonímia e linguística*, Publicações do museu da Bahia, n.7, Secretaria de educação e saúde, Salvador, 1947.
- Eliade M., *El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis*, Fondo de Cultura Económica, México, 1986.
- Fausto C., *Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os guarani (séculos XVI-XX)*, em «Revista Mana. Estudos de Antropologia Social», v.11, n.2, 2005.
- Freitas D., *Utopia missioneira*, em Dalto R., Nardi H.F., Tavares E. (org.), *Missões jesuítico-guarani*, Unisino, São Leopoldo, 1999.
- Furlong G., *Cardiel y su carta-relación (1747)*, Librería del Plata, Buenos Aires, 1953.
- Furlong G., *Misiones y sus pueblos de guaraníes*, Teorema, Buenos Aires, 1962.
- Gilberto G., *De la multiculturalidad a la interculturalidad: nuevos planteamientos sobre la dinámica cultural y el derecho a la cultura*, em Rosalba Casas, Guerrero Hubert Carton de Grammont (compiladores), *Democracia, conocimiento y cultura*, Bonilla Artigas Editores, Unam, Mexico, 2012, disponível em http://www.clacso.org.ar/libreria_cm/archivos/pdf_835.pdf, atualizado em 27/11/2015.
- Guido A., *Conceito de barroco*, em S.A., *Aspectos do barroco*, Faculdade de filosofia da Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2 v., 1967.
- Herczog J., *Orfeo nelle Indie. I gesuiti e la musica in Paraguay (1609-1767)*, Mario Congedo Editore, Lecce, 2001.
- Hernán R., *Notas sobre o barroco e o urbanismo ibero-americano*, in *Atas do IV congresso internacional do barroco ibero-americano*, Ufop, Ouro Preto, 2006.
- Hüttner E., *A imagem da cultura indígena brasileira*, em Coe F.A., Hüttner E., Ramos A.R. Ferreira (org.), *Catálogo descritivo de imagens. Séculos indígenas no Brasil*, 2ª ed., Edipucrs, Porto Alegre, 2010, p.11, disponível em www.pucrs.br/edipucrs/nepci/séculosindigenas2.pdf, atualizado em 28/11/2015.
- Imbruglia G., *L'invenzione del Paraguay. Studio sull'idea di comunità tra Seicento e Settecento*, Bibliopolis, Napoli, 1983.
- Kern A. A., *Missões: uma utopia política*, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1982.
- Lacouture J., *Os jesuítas. Os conquistadores*, L&PM, Porto Alegre, 1994.
- Lazzari F., *Le solidarietà possibili. Sistemi, movimenti e politiche sociali in America Latina*, FrancoAngeli, Milano, 2004.
- Lugon C., *A república comunista cristã dos guarani (1610-1768)*, Paz e Terra, São



- Paulo, 1968.
- Mallmann A.N., *Retrato sem retoque das missões guaranis*, Martins Livreiro, Porto Alegre, 1986.
- Marques J.B., Selvatici M., *Mundo helenístico*, Fundação Cecierj, Rio de Janeiro, v.1, 2012.
- Mayerhofer L., *Reconstituição do Povo de São Miguel das Missões*, Faculdade de arquitetura (Ufrj), Rio de Janeiro, 1947.
- Melià B., *El "modo de ser" guaraní en la primera documentación jesuítica (1594-1639)*, 1981, disponível em http://www.datamex.com.py/guarani/marandeko/melia_modode_ser_guarani.html, atualizado em 10/10/2015.
- Muratori L.A., *O cristianismo feliz nas missões jesuíticas do Paraguai*, 1ª ed. 1743, Instituto Dom Bosco, Santa Rosa, 1993.
- Oliveira J.R., *Experiências utópicas no território fronteiriço do Mercosul e as alternativas de sustentabilidade e desenvolvimento para o terceiro milênio*, em «Revista Desenvolvimento em Questão», 10, n.20, 2012.
- Oliveira L.D., *A comunicação através da arte na Província jesuítica do Paraguai*, em «Habitus», v.5, n.1, 2007.
- Orienti S., Terruzzi A. (org.), *XVI Triennale di Milano, Città di fondazione. Le "reducciones" gesuítiche nel Paraguay tra il XVII e il XVIII secolo*, Alinari, Milano, 1982.
- Plá J., *El barroco hispano guarani*, Editorial del Centenario, Asunción, 1975.
- Pounds N.J.G., *Geografia do ferro e do aço*, Zahar, Rio de Janeiro, 1966.
- Pozzo A., *Perspectiva pictorum et architectorum (1663)*, disponível em <http://www.e-rara.ch/doi/10.3931/e-rara-4098>, atualizado em 28/07/2015.
- Romanato G., *Gesuiti guaraní ed emigranti nelle riduzioni del Paraguay*, Regione del Veneto, Longo Editore, Ravenna, 2008.
- Romanato G., *La Repubblica guaraní e l'indipendenza del Paraguay*, em «Visioni LatinoAmericane», 2, 2010, pp.13-18.
- Rothmann L.C.M., *Causas de ordem social e cultura do barroco*, in Aspectos do Barroco I, Faculdade de filosofia, Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2 v., 1967.
- Saint-Hilaire A., *Viagem ao Rio Grande do Sul*, Senado Federal, Brasília, 2002.
- Sampaio M.A., Hüttner E., *Palavras indígenas no linguajar brasileiro*, 2ª ed., Corgag, Porto Alegre, 2013.
- Schoden E., *A religião guarani e o cristianismo*, em Anais do IV Simpósio nacional de estudos missionários, *A população missionária: fatores adversos e favoráveis às reduções*, Ffcl - Dom Bosco, Santa Rosa, 1981.
- Sepp A., *Viagens às missões jesuítas e trabalhos apostólicos*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1943.
- Silveira H.J.V., *As missões orientais e seus antigos domínios*, Carlos Echenique, Porto Alegre, 1909.
- Simões Júnior J.G., *Os paradigmas urbanísticos da colonização portuguesa e espanhola na América*, Anais Seminário de história da cidade e do urbanismo, 2012.
- Sousa A.C. de., *O índio como imagem. Representações do índio nas missões da Província jesuítica do Paraguai (século XVII-XVIII)*, Dissertação de mestrado, Ufpr, Curitiba, 2006.



- Sustersic B.D., *Imágenes guaraní-jesuíticas. Paraguay/Argentina/Brasil*, Centro de artes visuales/Museo del barro, 2010.
- Sustersic B.D., *La presencia americana en el arte jesuítico-guaraní*, in Regina Maria A.F. Gadelha (ed.), *Missões guarani: impacto na sociedade contemporânea*, Educ, São Paulo, 1999.
- Tarn W.W., *La civilisation hellénistique*, Payot, Paris, 1936.
- Toynbee A.J., *Helenismo: história de uma civilização*, 2ª ed., Zahar, Rio de Janeiro, 1963.
- Vignola G.B., *Regola delli cinque ordini d'architettura* (1562), disponível em <http://archive.org/stream/ordinidarchitett00vign#page/n3/mode/2up>, atualizado em 28/07/2015.
- Wall E., Waterman T., *Desenho urbano*, Bookman, Porto Alegre, 2012.
- Wilde G., *Religión y poder en las misiones de guaraníes*, 1ª ed. SB, Buenos Aires, 2009.
- Wladimir F.S., *Além das reduções: a paisagem cultural da região missioneira*, Tese de doutorado, Ufrgs, Porto Alegre, 2013.

Outros documentos

- Lexicon. Dicionário teológico enciclopédico*, Loyola, São Paulo, 2003.
- Ley II do Título I, Libro I de la Recopilación de las Leyes de Indias* (1680), in *Departamento de investigación y documentación - Congreso de la República del Perú*, disponível em <http://www.leyes.congreso.gob.pe/documentos/leyindia/0101001.pdf>, atualizado em 03/09/2015.
- Libro IV, Título VII, de la poblacion de las ciudades, villas y pueblos* (1680), in *Departamento de investigación y documentación - Congreso de la República del Perú*, disponível em <http://www.leyes.congreso.gob.pe/documentos/leyindia/0204007.pdf>, atualizado em 03/09/2015.
- Relatório de análise por microscopia eletrônica*, Of. n.03/06 - Centro de microscopia e microanálise (Cemm) da Pucrs, Porto Alegre, 24 de março de 2006. Solicitante: prof. Dr. Edison Hüttner, Material recebido: amostras retiradas do Sino de São Miguel das Missões, Berenice Anina Dedavid coordenadora do Cemm.